



APOSTILA DE

LITERATURA



ELETIVAS DO NOVO ENSINO MÉDIO

TROVADORISMO E HUMANISMO

CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS LITERÁRIAS

O Trovadorismo, que ocorreu entre os séculos XII e XV, foi o primeiro movimento da literatura portuguesa. Com origem na região de Provença, no sul da França, o movimento se espalhou por praticamente todo o continente europeu, na Idade Média. Em Portugal, o desenvolvimento das manifestações literárias trovadorescas coincide com a consolidação do país após o domínio árabe.

A produção poética trovadoresca se divide em dois grupos: **poesia lírica**, a qual se subdivide em **cantiga de amor** e **cantiga de amigo**, e **poesia satírica**, sub-dividida em **cantiga de escárnio** e **cantiga de maldizer**. Todas elas mantinham um vínculo intrínseco com a música, uma vez que eram feitas para que fossem cantadas com o acompanhamento de instrumentos. Vejamos, a seguir, cada um desses tipos de cantigas.

Trovador: artista pertencente a uma classe social elevada, muitas vezes em decadência, que produzia letra e música de cantigas e as interpretava.

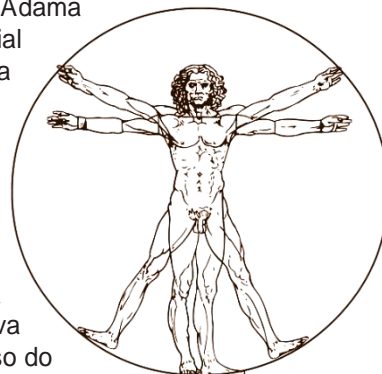
Jogral: artista de classe social mais baixa, o qual interpretava canções.

Segrel: artista profissional de condição intermediária entre jogral e trovador, que interpretava cantigas próprias ou de outros artistas, em diversas cortes.

Menestrel: cantor e músico de uma determinada corte.

PRODUÇÃO LÍRICA

A) CANTIGA de amor: nessa modalidade de cantiga, um eu-lírico masculino exprime o sofrimento causado pelo amor que ele nutre por uma dama inatingível, dirigindo-se a ela. Adama não corresponde aos apelos do eu-lírico por pertencer a uma classe social superior ou, mesmo, por ser casada. A impossibilidade de relacionamento torna a figura da mulher idealizada, pois resta ao eu-lírico apenas contemplá-la. O discurso do eu-lírico é caracterizado pelo *amor cortês*, que corresponde à “ideia de que o amor é, em si mesmo, fonte de valor, senão de virtude” (ROBL, 1980, p. 6). De acordo com as convenções do amor cortês, o trovador deveria manifestar o seu amor de forma controlada (*mesura*), por meio da vassalagem amorosa à dama, a qual ocupava posição superior (social e espiritualmente). Notem-se as seguintes características do plano formal da cantiga de amor, apontadas por Moisés (2006): a) há uma gradação progressiva da lamentação do eu-lírico entre as estrofes do poema; b) a tendência pelo uso do *estribilho*, que é um verso repetido ao final de cada estrofe. A cantiga que apresenta estribilho é chamada de *refrão*; a cantiga que não tem estribilho é chamada de *cantiga de maestria*.



B) Cantiga de amigo: nesse tipo de cantiga, um eu-lírico feminino, geralmente uma camponesa ou outra figura de perfil social mais popular, exprime o sofrimento causado pelo fato de o seu amado tê-la abandonado para ir à guerra ou para se relacionar com outra mulher. Diferentemente

da cantiga de amor, o eu-lírico feminino não dirige o seu discurso àquele que ama, mas a mulheres próximas, como a mãe ou amigas, ou a elementos da natureza. Destacam-se duas características da cantiga de amigo indicadas por Massaud Moisés (2006): a) no plano temático, o amor representado é mais realista, sem a idealização da amada da cantiga de amor;

b) no plano formal, a cantiga de amigo tende a apresentar um traço mais narrativo do que a cantiga de amor. Ressalte-se que as cantigas de amor não eram compostas por mulheres, mas por trovadores que construíam uma voz feminina no poema.

PRODUÇÃO SATÍRICA

a) **Cantiga de escárnio:** nesse tipo de cantiga, o eu do poema tece uma crítica a alguém ou a um comportamento, num tom sarcástico mais comedido, indireto. Mesmo o nome do alvo da sátira não é mencionado no poema.

b) **Cantiga de maldizer:** nessa modalidade de cantiga, o eu do poema faz uma crítica

mais direta e aberta a alguém, inclusive revelando o nome da pessoa atacada, ridicularizando-a. Esse poema muitas vezes utiliza vocabulário de baixo calão.

O Trovadorismo também produziu novelas de cavalaria, como *A demandado Santo Graal*, a qual trata da busca pelo Santo Graal, ou seja, o cálice sagrado, pe-los Cavaleiros da tábua Redonda do Rei Artur. Segundo Moisés (2006), não foram produzidas novelas de cavalaria originalmente portuguesas, mas versões adaptadas de obras em francês.

HUMANISMO

O período do Humanismo em Portugal corresponde, cronologicamente, ao período entre a nomeação de Fernão Lopes (1380?-1460) como Guarda-Mor da Torre do Tombo, em 1418, e o regresso do poeta Sá de Miranda (1481-1558) ao seu país, em 1527, trazendo e divulgando tendências estéticas clássicas. O período coincide com o advento do mercantilismo e com o início das grandes navegações portuguesas.

Esse momento histórico, como o próprio nome sugere, foi marcado pelo *antropocentrismo*, ou seja, por uma visão de mundo que privilegia o homem e o coloca como centro do mundo, diferentemente do teocentrismo (Deus como centro do mundo) da Idade Média. Embora a religião ainda fosse vigorosa no período, a valorização do homem e da razão emergia como potências que, posteriormente, se intensificariam no Classicismo/Renascimento.



DA LITERATURA DESSE PERÍODO, DESTACAM-SE:

A) As crônicas historiográficas como as crônicas dotadas de aspectos literários de Fernão Lopes sobre monarcas portugueses, que igualmente enfatizavam a massa popular, e as crônicas de Gomes Eanes de Zurara (1410-1473 ou 1474), que também tratavam sobre reis e, pioneiramente, sobre a expansão marítima portuguesa.

B) A poesia palaciana, ou seja, a produção poética surgida nos palácios da corte. O conjunto de temas representados nessa produção poética era bastante variado: feitos heroicos, sátira, religião e amor, que se vinculavam ao sofrimento, como no Trovadorismo, mas, diferentemente deste, não viam a mulher como um ser completamente idealizado. Dos aspectos formais da poesia palaciana, destaque-se, segundo Moisés (2006), a recorrência da *redondilha maior* (verso de sete sílabas poéticas) e da *redondilha menor* (verso de cinco sílabas poéticas).

GIL VICENTE

Gil Vicente (1465 ou 1466 - entre 1536 e 1540) é considerado “o pai do teatro português”. Embora seja possível que já houvesse teatro em Portugal antes dele, não há registros documentais de outros dramaturgos anteriores a ele. Produziu vários *autos pastoris* (diálogos pastoris, bucólicos), *autos de moralidade* (peças que, por meio de alegorias, transmitiam um ensinamento de cunho moral e religioso) e *farsas* (peça com personagens caricatas, situação cotidiana, que satiriza a sociedade), como também poemas.

O teatro de Gil Vicente satiriza a sociedade da época e os seus vícios, como a corrupção, a imoralidade e a hipocrisia, atacando diretamente figuras típicas de diversos setores sociais, como o fidalgo, o agiota, o comerciante burguês e o clero degradado. Segundo Massaud Moisés, a sua obra moralista “põe em prática o lema do *castigat ridendo mores* (rindo, corrige os costumes),



realizando o princípio de que a graça e o riso, provados pelo cômico baseado no ridículo e na caricatura, exercem ação purificadora, educativa e purgadora de vícios e defeitos” (MOISÉS, 2006, p.44). A essa perspectiva moralista se articula uma visão religiosa típica da Idade Média com uma crítica social na sua obra. Frise-se que essa perspectiva religiosa de Gil Vicente não significa que ele apoiasse a Igreja Católica. Muito pelo contrário, sua obra promove uma crítica acentuada à corrupção dos membros da Igreja da época, separando dos valores e crenças da fé cristã a instituição corrompida, justamente por causa de sua perspectiva moral.

ATIVIDADES

1. Leia as duas cantigas trovadorescas a seguir e responda: de qual tipo é cada uma dessas cantigas? Justifique com algum elemento do texto. A cantiga A é uma cantiga de amigo, pois ela aborda, tematicamente, a expressão do sofrimento de um eu-lírico feminino ante a ausência de seu amado. A cantiga B é uma cantiga de amor, porque revela a contemplação de um eu-lírico faz de uma dama inatingível. Observe-se que ambas as cantigas são cantigas de refrão, porque apresentam estribilho.

A) Ai eu coitada, como vivo em gram cuidado

Afonso X ou Sancho I Ai eu
coitada, como vivo em gram cuidado por
meu amigo que hei alongado;
muito me tarda
o meu amigo na Guarda.

Ai eu coitada, como vivo em gram
desejo por meu amigo que tarda e nom
vejo
muito me tarda
o meu amigo na Guarda

alongado:
distante

B) AI SENHOR FREMOSA, POR DEUS

D. Dinis
Ai senhor fremosa! por Deuse por quam
boa vos El fez,

doede-vos algũa vez
de mim e destes olhos meus
que vos virom por mal de si, quando vos
virom, e por mi.

E porque vos fez Deus melhor de quantas
fez e mais valer, queredes-vos de mim
doer
e destes meus olhos, senhor,
que vos virom por mal de si, quando vos
virom, e por mi.

E porque o al nom é rem, senom o bem
que vos Deus deu, queredes-vos doer do
meu
mal e dos meus olhos, meu bem,
que vos virom por mal de si, quando vos
virom, e por mi.

doede-vos: doer-se - condoer-se, ter dó.
E porque o al nom é rem: ou seja: e porque
tudo o resto é sem valor.
(notas da fonte do texto)

3.

Como poderá isso ser,
confessado e comungado?!...
DIABO Tu morreste excomungado: Nom o
quiseste dizer.
Esperavas de viver,
calaste dous mil enganoso... Tu roubaste
bem trint'anoso povo com teu mester.

mester: profissão que consiste em algum tipo de trabalho manual.

2. O *Auto da barca do inferno* pertence ao gênero dramático, mas sua forma se aproxima da poesia. Aponte um aspecto formal do texto característico da poesia produzida durante o Humanismo que o trecho acima ilustra. Predominância de versos em redondilha maior.

3. No trecho acima, qual aspecto da sociedade é criticado/ironizado por meio da figura do sapateiro? Explique, demonstrando quais atitudes do sapateiro são representativas do aspecto criticado. A hipocrisia dos indivíduos que exercem práticas religiosas, mas não são honestos. O sapateiro praticou atos religiosos durante a sua vida (confessou, comungou e ia a missas), mas roubava o povo ao exercer o seu trabalho.

CANTIGAS Medievais Galego-Portuguesas. Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/index.asp>>. Esse *site* disponibiliza todas as cantigas medievais dos cancioneiros galego-portugueses, com glossário, lista de autores, manuscritos e cantigas musicadas.

REI Arthur. Direção: Antoine fuqua. Produção: Jerry Bruckheimer. Intérpretes: Clive Owen, Keira Knightley, Ioan Gruffudd e Stephen Dillane. Produzido por Jerry Bruckheimer Films; Touchstone Pictures. 2004. 1 DVD (126 min).